

11

Memoria.

("Ars Electronica", Linz, 13-18/9/88. Tradução para Milton Vargas)

O tema que tenho a honra de apresentar neste simposio e "memoria eletrônica", e estou conciente das analises penetrantes e profundas que outros, (mais competentes que eu), ja efetuaram. Sobretudo no que tange dois dos seus aspectos: As novas memorias, por mais duraveis e fieis que as precedentes, permitiraõ acumulo disciplinado das informacoes adquiridas, recombinaçao das informacoes armazenadas, e recuperacao comoda de informacoes desejadas. E as novas memorias libertaraõ os cerebros da necessidade de serem sobrecarregadas de informacoes, e os tornaraõ disponiveis para o processamento das informacoes armazenadas eletronicamente. O primeiro aspecto sugere que a historia, enquanto processo de acumulo de informacoes, mudara de forma, e o segundo aspecto sugere que estamos no limiar de verdadeira explosao de criatividade. Se, a despeito de tais analises precedentes, tenho coragem para abordar o tema, e que meu proposito e o de inserir o problema em contexto mais amplo. Sugerirei que "memoria" e, (explicita- e implicitamente), um dos conceitos fundamentais da nossa cultura, (e possivelmente de todas as culturas), e que as novas memorias nos obrigam a reformular tal conceito. Sugerirei pois que as memorias eletronicas contribuirãõ poderosamente para a revoluçao cultural que está emergindo.

-.-.-.-.-

Da perspectiva atual eis como o problema da memoria se presenta: Os homens saõ entes que naõ apenas adquirem informacao, (todos os seres vivos o fazem), mas que armazenam tais informacoes para o uso de geracoes futuras. Isto distingue nossa especie dos demais entes vivos, (embora tal distincão naõ possa sempre ser feita nitidamente). Em outros termos: alem de transmitirmos informacoes herdadas, (como o fazem todos os entes vivos), transmitimos igualmente informacoes adquiridas; ou: dispomos, alem de memoria genetica, igualmente de memoria cultural, e as duas memorias naõ se confundem. (As informacoes adquiridas naõ parecem influir nas informacoes herdadas.) Posto assim, o problema da memoria tange diretamente a especificidade, (a "dignidade"), humana: ser homem e dispor de memoria cultural, e na medida em que participamos da memoria cultural, emancipamo-nos da nossa condicao biologica, ("animalesca"). O que impoe compararmos as duas memorias das quais somos portadores.

A memoria genetica e muito duravel. As informacoes herdadas saõ guardadas na biomassa que as conservara pela duracao da vida sobre a Terra. Mas a biomassa e pouco fiavel. As informacoes nela guardadas saõ codificadas em moleculas complexas que vaõ sendo constantemente recopiadas. No decorrer da recopiaçao ocorrem erros. A maioria de tais erros, ("mutacoes"), e eliminada da memoria, gracias a uma serie de dispositivos extremamente complexos. Tais erros vaõ sendo "esquecidos", (saõ biologicamente inviaveis). Mas alguns dos erros escapam aos dispositivos, e constituem a "evoluçao da vida". Atualmente pois a biomassa armazena informacoes divergentes da informacao original, e esta e dificilmente recuperavel, (se e que se conservou em alguns dos protozoarios ainda vivos). A pouca fiabilidade da biomassa enquanto ~~memoria~~ suporte de memoria e problema para a bio-

tecnicamente, a qual visa precisamente usar a biomassa enquanto suporte de memória cultural, enquanto armazem para informações adquiridas.

As memórias culturais até agora elaboradas são pouco duráveis e pouco fiáveis. A maioria das informações adquiridas por nossos antepassados foi esquecida, e as que se preservaram sofreram deformações importantes. Embora sejamos "entes históricos", somos muito imperfeitamente. A pouca eficiência da nossa memória cultural é responsável pelo fato que temos dificuldade em rememorar a situação na qual as primeiras memórias culturais foram elaboradas. Mas podemos supor o seguinte: Os nossos antepassados longínquos, no seu esforço para se humanizarem, codificaram as informações por eles adquiridas, (em códigos não mais acessíveis), e as guardaram em objetos, a fim de serem decodadas e recuperadas por outros, e em seguida armazenadas nos seus cérebros e sistemas nervosos. Os objetos destarte escolhidos para servirem de suporte para a memória parecem ter sido sobretudo de dois tipos: objetos duros, (pedras e ossos), e vibrações de ar, (ondas sonoras). Ora, é importante notar que tal estratégia para a elaboração de memória cultural, embora primitiva, se preservou, em grande parte, até os nossos dias.

Tal estratégia é primitiva e pouco eficiente pela razão seguinte: Os objetos duros, embora relativamente duráveis, são pouco fiáveis, porque, além de suportes de memória, são também instrumentos. Enquanto instrumentos, vão sendo consumidos, isto é: a informação neles guardada vai sendo desgastada. (Faca de pedra perde a sua informação na medida em que vai sendo usada). Para evitar isto, recorreu-se à elaboração de objetos que sejam apenas suportes de memória, e não também instrumentos, (a "monumentos"). (Exemplos precoces: as "Venus de Willendorf" ou as pinturas de paredes.) Ora, os monumentos guardam melhor as informações que os instrumentos, mas a informação neles guardada é dificilmente recuperável, (são de acesso difícil). Quanto às vibrações de ar, são elas efêmeras e abertas a ruídos deformadores da informação nelas guardada. Não obstante: o ar é facilmente acessível, e facilmente codificável, (em línguas faladas), de modo que a grande maioria das informações adquiridas parece sempre ter sido confiada a ondas sonoras.

A pouca durabilidade e fiabilidade de ondas sonoras levou, há aproximadamente quatro mil e quinhentos anos, à elaboração de nova estratégia para o armazenamento de informações adquiridas. (É surpreendente que isto tenha acontecido tão tardiamente.) As informações codificadas nas vibrações do ar, (os "fonemas"), foram transcodificadas, para que possam ser guardadas em objetos duros: o alfabeto foi inventado. Tal nova estratégia visava ultrapassar o efêmero do ar e a penetração por ruídos, mas preservar a língua enquanto memória cultural dominante. Doravante, a memória cultural passou a ser sobretudo a biblioteca, (embora as demais suportes de memória, os objetos culturais, tenham persistido). Ora: embora a durabilidade do suporte da biblioteca, (tijolo, papel), seja problemática, e embora sua fiabilidade seja duvidosa, (erros de cópia), representa ela grande vantagem: as informações nela guardadas são facilmente copiáveis e recuperáveis. Com a invenção do alfabeto se inicia a história "sensu stricto".

No entanto: a emergência da biblioteca teve efeito profundo, (embora não visado), sobre a maneira como o problema da memória cultural é percebido. A emer-

gencia da biblioteca teve por efeito emergencia de toda uma serie de ideologias que vao marcar a cultura ocidental toda. Embora seja dificil recuperarmos a origem de tais ideologias, (dada a ma qualidade da nossa memoria cultural), podemos reconstituir o seguinte: A lingua, (agora escrita), nao mais e percebida enquanto canal que transmite informacoes adquiridas de homem para homem, (de cerebro para cerebro), para la ser^{em} armazenadas. Pelo contrario: agora a lingua e percebida enquanto armazen de informacoes, (enquanto biblioteca), e os homens individuais sao percebidos enquanto transmissores de informacoes para a lingua. Em outros termos: a memoria cultural nao mais e percebida enquanto faculdade individual humana, mas enquanto estrutura transhumana. Tal inversao do conceito "memoria" nao e, por certo, claramente articulada, mas pode ser reconstituída a partir de textos. Proponho curto excurso para tais textos, porque me parece que o impacto que as memorias electronicas terao sera violento sobre tais ideologias ainda vigentes hoje.

.....

Recorrerei a dois textos relativamente tardios, (aos dialogos platonicos e ao Talmud), porque neles o novo conceito de "memoria" esta bem elaborado. Eis o que afirma a ideologia grega: A memoria transhumana e especie de espaco, ("topos uranikos"), no qual sao armazenadas as informacoes, (as formas, ideias). Somos oriarios de tal espaco, mas decaimos dele para o mundo das aparencias efemerias. Ao decairmos, atravessamos o rio do esquecimento, ("lethe"). No entanto, o esquecimento nao apaga a memoria, apenas a encobre. O nosso proposito de vida e descobrir a memoria, ("a-letheia"), e destarte voltar para ela. Os metodos de descobrimento da memoria, (a filosofia), sao os metodos para re-emergirmos para ela, (para o "ceu"). E eis o que afirma a ideologia judia: A memoria transhumana e especie de rede, e ela o dialogo que mantemos uns com os outros. Participamos da memoria transhumana, na medida em que conseguimos superar-nos a nos proprios, e reconhecermos os outros. E seremos guardados em tal memoria, (seremos imortais), na medida em que, por nossa vez, seremos reconhecidos pelos outros. De maneira que os mortos vivem, ("khayeh hamessim"), na medida em que sao por nos reconhecidos, e que somos responsaveis pela imortalidade dos outros, ("zikhranah lebrakha"). Ora: reconhecer o outro implica reconhecer nele o Totalmente Outro. Ao participarmos do dialogo, participamos da memoria transhumana, voltamos para "Deus". - Tais duas ideologias foram sintetizadas no cristianismo, em seguida se ramificaram, e continuam a nos programar de uma forma ou outra.

Ao considerarmos as duas ideologias, ficamos sobretudo impressionados pelo fato, (nem sempre concientizado), que confundem memoria com suporte, o que as leva a reificar a memoria como se fosse "coisa": "ceu", "Deus", e consequentemente "alma". Isto nos leva, do nosso ponto de vista atual, a incapacidade de agarrar o impacto etico e existencial dessas ideologias. Podemos, no entanto, evitar isto ao procurarmos reformular as duas ideologias em termos mais adequados ao ponto de vista em vigor atualmente: O homem e ente que armazena informacoes adquiridas em desafio as leis da fisica, (segundo principio da termodinamica), e da biologia, (Mendel). Ao faze-lo, estabelece ele memoria cultural anti-natural e anti-biologica, e destarte "se supera". Torna-se eterno e imortal ao ser guardado em tal memoria transhumana.

A confusao de memoria com suporte, (diriamos hoje: de software com hardware), da qual as ideologias ocidentais sao vitima, se explica, se considerarmos a situacao da qual surgiram, (segundo milenio a.C. no Mediterraneo oriental): situacao na qual memoria cultural foi identificada com lingua falada transcodificada em escrita. Lingua falada e codigo cujo suporte sao ondas sonoras. Ora: vibracoes do ar sao impalpaveis, e neste sentido inconcebiveis. Os termos que designam vibracoes do ar, ("pneuma", "ruakh", "spiritus"), designam portanto igualmente algo de inconcebivel. Se o suporte da memoria e inconcebivel, ("espiritual"), a tentacao de confundi-lo com a memoria mesma, (confundir as informacoes armazenadas com o armazem), e depois reificar a memoria, (spiritualiza-la), torna-se irresistivel.

Resumo este curto excurso para as ideologias tradicionais da seguinte forma: Quando, ha uns quatro mil e quinhentos anos, a lingua falada foi transcodificada alfabeticamente, a memoria cultural foi identificada com biblioteca. Isto levou a confusao entre informacao armazenada e armazem de informacao, entre memoria e seu suporte. O resultado eram varias ideologias que reificaram o conceito "memoria", e conseqüentemente conferiram a conceitos como "imortalidade" ou "alma" significados caracteristicos da cultura do Ocidente. Ao fazer-lo, deram elas a nossa cultura um clima existencial que a caracteriza ate hoje. As memorias electronicas nao podem senao exercer influencia des-ideologizante.

.....

Tal des-ideologizacao do conceito "memoria" poderia ter sido exercida ja com a invencao da imprensa. Do ponto de vista desta reflexao a imprensa e tecnica que visa aperfeicoar a memoria cultural, (a biblioteca), ao facilitar o recopiamto das informacoes nela armazenadas. Ora; na imprensa se torna obvio que o livro impresso e mero suporte de memoria, mero armazem, e que a informacao e igualmente armazenada alhures, (no manuscrito). Alem disto, observacao fenomenologica do gesto de imprimir poderia ter permitido, ja naquela epoca, que se distingua entre manipulacao de memoria, (no caso: de letras), e manipulacao do suporte, (no caso: do papel a ser impresso). No entanto, a invencao da imprensa nao resultou na des-ideologizacao do conceito "memoria", possivelmente porque isto teria ameacado o sistema dos valores da burguesia emergente enquanto classe dominante no seculo 15. Manipular a memoria, (processar dados do tipo letras), teria sido revelado gesto mais decisivo que manipular suportes, (trabalhar, mudar o mundo objetivo), e o sistema dos valores burgueses repousa sobre moral do trabalho. A invencao da imprensa, (importante passo em direcao de elaboracao de memoria cultural eficiente), nao contribuiu para a libertacao do conceito "memoria" das brumas reificantes que o envolviam desde a invencao do alfabeto.

Nao quero exagerar o impacto que a praxis com computadores tem sobre a nossa maneira de percebermos, concebermos e manipularmos a memoria, e conseqüentemente a "imortalidade". Nao o quero exagerar, porque devemos admitir que a distincao entre "memoria" e "suporte", (entre software e hardware), continua tarefa dificil. Por exemplo: o floppy disc, o qual e obviamente mero suporte de memoria, (objeto palpavel e quebradico, isto e: sujeito a entropia), e mani-

pulado como se ele fosse memoria mesma. No entanto: nao resta duvida que a invencao de memorias eletronicas, alem de ser reformulacao tecnica do processo de armazenar informacoes adquiridas, e igualmente reformulacao da nossa atitude para com todos os problemas tradicionais que envolvem memoria e imortalidade.

Trata-se, no fundo, nas ditas "memorias artificiais", de simular a funcao memorativa do cerebro em objetos inanimados. (O termo "inteligencia artificial" repugna, porque tais aparelhos nao se substituem as capacidades cerebrais, mas apenas simulam algumas, mas estas, sim, aperfeicoam.) Ora, as memorias eletronicas, ao transferirem a funcao memorativa do cranio para fora, nos concedem distancia critica com relacao ao processo do armazenamento. Podemos, (literalmente), observar de fora como a memoria se forma, e podemos interferir, de fora, no processo memorativo. Tal distancia critica nos permite distinguirmos entre dois tipos de gestos: o que manipula informacao, e o que imprime a informacao sobre suporte. O segundo tipo de gesto, (o trabalho), se revela mecanizavel, e portanto praticavel por maquinas inanimadas. Quanto ao primeiro tipo de gesto, (o processamento de informacoes), este se revela parcialmente mecanizavel, mas parcialmente praticavel apenas por inteligencias humanas. Ora, tal experiencia com a praxis da computacao rebate sobre a nossa consciencia, e faz emergir nova antropologia: O homem se revela ente que se distingue dos demais seres vivos pela sua capacidade de processar informacoes adquiridas, (pela sua "criatividade"). Tal nova antropologia, (que e "nova" por fundamentar-se sobre criterios esteticos), impoe a necessidade de submeter o conceito "memoria" a critica des-ideologizante.

"Memoria" se revela substantivo do verbo "armazenar cumulativamente informacoes adquiridas". Seria pois mais prudente, (se isto fosse possivel), abandonar-se o termo "memoria", e substitui-lo pelo termo "memorizar", ou "processo de armazenamento". Isto permitiria ver de que se trata: trata-se de processar uma informacao adquirida, de enquadrá-la no contexto das previamente adquiridas, e de alimenta-la para dentro de um armazem, do qual possa ser recuperada. Se o problema for conscientizado assim, (se "memoria" for concebida, nao como um "algo", mas como um "como"), toda a problematica tradicional em torno disto seria reformulada. Darei como unico exemplo o conceito "alma", (no sentido de aspecto humano "imortal", nao sujeito a entropia). O conceito passaria a ser interpretado enquanto a capacidade especificamente humana de processar informacoes adquiridas e de armazená-las, um individuo teria tanto mais "alma" quanto maior o numero de informacoes por ele processadas, e seria tanto mais "imortal", quanto maior a quantidade de informacoes por ele memorizadas em algum suporte. Por certo: tal des-reificacao do conceito "alma" seria tao repugnante aos que adirem as ideologias vigentes que seria por eles imediatamente recusado. Nao obstante: a praxis com memorias eletronicas impoe precisamente este conceito de "alma" e "imortalidade".

Note-se que a des-reificacao de "memoria", (e das entidades ideologicas que disto derivam, como seja "alma", "imortalidade", ou "Deus"), nao implica, como pode parecer, em profanacao, (des-sacralizacao), da dignidade humana. Pelo contrario: a capacidade especificamente humana para processar dados adquiridos e armaze-

na-los, (a capacidade de opor-se a natureza fisica e biologica), passa a ser ainda mais misteriosa. De maneira que pode ser dito, um tanto paradoxalmente, que a invencao das memorias eletronicas acentua ainda mais o misterio que e o ser humano, ao proporcionar-lhe distancia critica para com a sua propria humanidade. A des-ideologizacao dos conceitos ontologicos e teologicos tradicionais nao implica abandono do espanto, mas pelo contrario acentua o espanto. E neste sentido que podemos dizer que as memorias eletronicas sao espantosas.

.....

As reflexoes que acabo de expor nao merecem ser chamadas de "argumento": nao passam de farrapos de pensamentos que devem ser completados e aprofundados, e que seja apenas para serem refutados. O motivo por que as exponho e este: as memorias eletronicas abrigam em seu bojo virtualidades ainda nao concientizadas. Algumas entre tais virtualidades, (como sua promessa de re-estruturarem a historia, ou de emancipar-nos para nova criatividade), sao tao obvias que exigem reflexao atenciosa, (embora tais reflexoes sejam freadas pelo horror que tudo que e novo nos causa). Mas ha outras virtualidades que sao por demais "horrorosas" para poderem ser enfrentadas calmamente. A mais radical entre tais virtualidades me parece ser que a praxis com memorias eletronicas pode vir a derrubar os pilares sobre os quais repousa o nosso edificio de valores. Podemos, desde ja, observar como tal revolucao cultural esta emergindo, (sobretudo na geracao que nasceu com os computadores). Meu proposito nao e o de advogar tal revolucao, (ela nao necessita de advogados), mas o de refletir sobre ela, e o de discuti-la consigo.